

DOCUMENTO

DA EDUCAÇÃO DAS MENINAS POR FÉNELON (1852)

Maria Helena Camara Bastos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Brasil



Introdução

Durante longo tempo, a sociedade ocidental refutou a igualdade de instrução para os dois sexos. A longa dominação da Igreja Católica sobre a educação explica o privilegiamento da formação masculina, ou seja, dos futuros padres. Na Renascença, raros são os humanistas, como J. J. Vives ou Tomas Morus, a defender uma educação igual para mulheres e homens. Um espírito liberal como Erasmo também duvidou do interesse das meninas em aprender o latim (Bastos; Garcia, 1999, p.79).

Angèle Mérici e a congregação das Ursulinas, fundada em 1536, traçou, por três séculos, o programa comum de ensino para as mulheres: “ler, escrever, trabalho em agulha e instrução religiosa, para formar as boas futuras mães cristãs, na falta de fazer piedosas noviças, cuja instrução tinha uma finalidade eminentemente endógena” (Chassanges, 1983, p. 10). Tanto Fénelon como a marquesa de Maintenon não mudaram

essa orientação, persuadidos que estavam que saber ler, escrever, costurar, cantar e rezar eram suficientes para a reprodução sociocultural (Bastos; Garcia, 1999).

A partir do estudo que realizamos sobre a circulação da obra *As aventuras de Telêmaco (1694-98)*, de François Salignac de la Mothe Fénelon (1651-1715), no Brasil e, principalmente, da sua apropriação escolar (Bastos, 2009), nos questionamos sobre seu outro sucesso no século 17, *De l'éducation des filles (1687-1696)*, um clássico sobre a educação feminina. Procuramos por uma tradução para o português, localizando um exemplar de 1852 na Bibliothèque Nationale de France¹. No exemplar não consta o tradutor, mas há indícios de que foi realizada por José Fonseca.

Martins (2005), no estudo sobre *As aventuras de Telêmaco*, ao discorrer sobre as várias traduções que circularam em língua portuguesa, assinala, para o século 18, a de José da Fonseca (1792-1886), com data de 1837 (Paris, Baudry, 2v. ilustr.). Esse autor também publica *Lições de Fénelon: história, fábulas e contos* (Paris, Pillet Aîné, 1840) e faz a tradução da obra *Da educação das meninas* (Paris, Pillet Aîné, 1852). Essas obras constam do catálogo dos livros portugueses dessa editora, no final do exemplar que reproduzimos a seguir². Há referência à outra tradução realizada pela gaúcha Anna Euquéria Lopes de Cadaval³.

De l'éducation des filles é escrita quando Fénelon tinha 27 anos⁴, por solicitação do duque de Beauvilliers, da corte de Luís 14 e encarregado de organizar a educação do príncipe herdeiro, que tinha uma família numerosa e, essencialmente, composta de mulheres. Portanto, um tratado destinado a um uso particular. À primeira edição de 1687, seguem-se várias, reorganizadas e divididas em capítulos, até a última edição de 1696. O sucesso da obra alcança um grande público e torna-se também uma “declaração política” (Maury, 1996, p. 68).

¹ Esse texto foi copiado a mão em duas breves oportunidades em Paris (julho de 2008 e janeiro de 2010), e revisado durante estágio pós-doutoral (2010-2011). Foi digitado por Juliana dos Santos Rocha, bolsista de iniciação científica - Fapergs - e estudante do curso de Psicopedagogia da PUCRS.

² Na Espanha, localizei a tradução realizada por M. L. Navarro Luzuriaga, datada de 1919, compondo a Colección Universal da editora Calpe, com o título *La educación de las niñas. Tratado pedagógico* (137p.).

³ Consta referência a obra dessa autora no acervo Júlio Petersen (biblioteca da PUCRS), mas ainda não foi localizado o exemplar, pois o inventário não foi concluído

⁴ Maury (1996, p. 67) informa que Fénelon, em 1685, logo após a revogação do Édito de Nantes, quando tinha 25 anos, foi encarregado de converter jovens meninas protestantes e pobres sobre as verdades católicas.

A obra original compreende treze capítulos⁵, sendo o último dedicado às qualidades dos serviçais e dos preceptores. Fénelon recomendava que, para um ambiente doméstico exemplar, os empregados deviam ser bem instruídos pela mãe e sob sua supervisão constante, seguindo os seus preceitos. Esse capítulo foi resumido drasticamente pelo tradutor, especialmente o extenso parágrafo em que reproduz o retrato de uma mulher forte feito por Santo Agostinho nas *Confissões*, que expressa o modelo de mulher que o autor e a Igreja preconizavam:

Seu prêmio é como aquele que vem de longe e das extremidades da terra. O coração de seu esposo é confiado a ela; ela não deixará jamais de desprezar o que ele relata de suas vitórias; todos os dias de sua vida ela lhe fará o bem, e jamais o mal. Ela procura a lã e o linho: ela trabalha com suas mãos plenas de sabedoria. Encarregada como um navio mercador, ela compra longe suas provisões. À noite, ela se levanta e distribui os alimentos aos seus domésticos. Ela considera um campo e parte do seu trabalho, fruto de suas mãos; ela planta uma vinha. Ela sente suas reais forças, ela endurece seus braços. Ela gosta e viu como seu comércio é útil, sua luz não se apaga jamais durante a noite. Sua mão se vincula aos trabalhos rudes, e seus dedos pegam o fuseau. Ela abre portanto sua mão aqueles que estão na indigência, ela o entende na sua pobreza. Ela não permite o frio e nem a neve, seus domésticos têm vestimentas duplas. Ela teceu um casaco para ela, de fino linho, e limpas são suas vestimentas. Seu esposo é ilustrado, isto é, em seus conselhos busca apoio com os homens mais respeitados. Ela faz os hábitos que ele vende, os cintos que ele debita nos Chananéens. A força da beleza são suas vestimentas, e ela rirá no seu último dia. Ela abre sua boca para a sabedoria, e uma lei doce é sob sua língua. Ela observa na sua casa os traços de paz, e ela não come jamais seu pão sem ocupações. Seus filhos são elevados, e ela se sente honrada; seu marido da mesma forma é elevado, e lhe louva: 'Várias filhas, disse ele, acumulam riquezas; vós as todas sobressaiu. As graças são enganadoras, a beleza é vã: a mulher que crê em Deus, é a que será louvada. Dê a ela do fruto de suas mãos, e que os porta, nos conselhos públicos, ela será louvada por suas próprias obras (FÉNELON, 1983, p. 171).

Dos capítulos da obra, seis Fénelon consagra à religião, o que não é de estranhar, tendo em vista sua formação e atividade. Visam dar as primeiras noções dos princípios e dogmas da religião católica, através de histórias sagradas, da leitura da Bíblia. Essa ênfase parte da idéia de que a criança é portadora do "pecado original" e tem por objetivo prevenir os vícios, disciplinar as emoções e conduzir às virtudes, na busca da "perfectibilidade humana, como possibilidade e como necessidade" (Freitag, 1994, p. 19).

⁵ De l'importance de l'éducation des filles; Inconvénients des éducatios ordinaires; Quels sont les premiers dondements de l'éducation; Imitation à craindre; Instruction indirectes: il ne faut pas presser les enfants; De l'usage des histoires pour les enfants; Comment il faut faire entrer dans l'esprit des enfants les premiers principes de la religion; Instruction sur le décalogue, sur les sacrements e sur la prière; Remarques sur plusieurs défauts des filles; La vanité de la beauté et des ajustements; Instruction des femmes sur leurs devoirs; Suite des devoirs des femmes; Des gouvernantes.

Em síntese, “formar um futuro adulto autodisciplinado, honrado e virtuoso” (Ferreira, 1988, p. 283).

No primeiro capítulo, ao mesmo tempo em que denuncia a ignorância das mulheres, ridiculariza as mulheres cientistas ou intelectualizadas. Ferreira (1988), Maury (1996), Perrot (2007) são alguns dos autores que assinalam esse ceticismo de Fénelon em relação ao saber que as mulheres estavam destinadas a conhecer. Em carta à madame de Maintenon, Fénelon “deplora a ignorância das meninas e preconiza sua formação, mas as convida a não confiar no saber, pelo qual deveriam sentir um pudor quase tão delicado quanto aquele inspirado pelo horror ao vício” (Perrot, 2007, p. 92). Nessa direção, também condena a leitura de romances, de histórias fantasiosas, insistindo em uma educação realista e útil.

Para ele, a educação das mulheres devia ser exclusivamente moral e particular, não coletiva, mas com finalidade pública, social. A mulher deve ser educada para educar os filhos e governar o lar. Nessa premissa, denuncia a má influência de mães ignorantes e fúteis, da má companhia dos serviçais, que não seriam bons modelos, pois tornavam a criança indolente, fútil, cheia de medos, mentirosas. Sugere uma educação atraente, virtuosa e equilibrada, a partir de bons modelos, os da religião de preferência. Condena o castigo e recomenda penas leves aplicadas em circunstâncias que provoquem na criança a vergonha ou remorso. A educação também devia proporcionar distrações e alguns divertimentos, mas não recomenda rapazes e moças juntos, saídas freqüentes, muitas conversas e especialmente com pessoas de má índole.

A obra ainda inclui *Conselhos de uma senhora acerca da educação de sua filha*, excertos de *Avis de Monsieur de Fénelon, Archevêque de Cambrai, à une dame de qualité, sur l'éducation de mademoiselle sa fille*, redigido provavelmente em março de 1712 e publicado como anexo *De l'éducation des filles* em 1715 e, novamente, em 1850⁶. O original consultado tem sete páginas (Fénelon, 1997, p. 1127-1134). No *Avis*, Fénelon “não quer só formar uma mulher forte e cristã, mas também uma mulher de oração, que dedica seu coração a Deus, com simplicidade, amizade e abundantemente” (Brum, 1997, p. 1721)⁷.

Para Brum (1983), os conselhos e recomendações dadas por Fénelon não buscavam modificar a posição da mulher na família e na sociedade de seu tempo, mas a

⁶ Tudo leva a crer que José Fonseca traduziu a edição de 1850.

⁷ Brum publica a obra completa de Fénelon (Tomo I, 1983; Tomo II; 1997). No Tomo I inclui duas vezes *De l'éducation des filles*, uma no corpo da obra e a outra como um Apêndice, sendo a primeira versão (p.1201-1230).

consolidar os seus deveres como educadora dos filhos, administradora do lar e uma virtuosa cristã. Com esse objetivo, defendia sua educação, pondo-se contrário às posições de sua época.

Desde o século 17, persistem as representações forjadas pela literatura sobre a mulher e sua educação. Fénelon foi inspiração para muitas outras do gênero. Por exemplo, o português Luis Antonio Verney no *Verdadeiro método de estudar* (1746)⁸, dedica um apêndice à educação da mulher e preconiza uma educação para o lar, com o objetivo de educar os filhos e de “prender” o marido em casa (Ribeiro, 2000, p. 89).

No Brasil, Duarte (2010) também considera que o livro *Educação das meninas* exerceu grande influência junto aos escritores nacionais citando, como exemplo, Nísia Floresta⁹. Félix Ferreira, no livro *A educação da mulher* (1881), traz excertos de diferentes autores sobre o tema: Fénelon, Tocqueville¹⁰, mme. Eugène Hippéau¹¹, Célestin Hippéau¹², que buscam reforçar a educação feminina:

A mulher não foi destinada para ser um fâmulos insignificante, nem para o mero entretenimento do homem. Ela existe para si mesma, tanto como para com os outros, e os deveres sérios e responsáveis que tem de cumprir exigem que tenha espírito cultivado e coração simpático. (Félix Ferreira, 1881, apud Bastos, Garcia, 1999, p. 86)

Rui Barbosa, quando aborda o método intuitivo, faz outra apropriação da obra, citando as recomendações do autor quanto ao método de ensino das meninas:

A mesma tendência para a renovação do ensino pelo conhecimento concreto das coisas obedecia Fénelon, quando aconselhava o cultivo da curiosidade infantil, a utilização de todos os ensejos para por a criança em contato pessoal com a realidade, o aproveitamento de cada objeto, de cada fenômeno, de cada espetáculo interessante ao espírito dos alunos como assunto de contínuas, variadas e deleitosas lições. (Barbosa, 1883 [1946], p. 206)

E, ainda, no século 20, podemos citar a emblemática obra de José de Assis Brasil, intitulada *A educação da mulher* (1912), em que referenda e reforça o discurso de outras instituições, como a família, Igreja, escola, Estado, sobre o lugar das mulheres no âmbito

⁸ Ver Boto (1998, 2011).

⁹ Na obra *Opúsculo humanitário*, Nísia Floresta cita o autor ao se referir ao poder absoluto: “o país onde o soberano é mais absoluto é justamente aquele em que seu poder está mais seguro. É esta a idéia do próprio Fénelon, depois de ter apoiado a aristocracia” (Floresta, [1853]1989, p. 60). Sobre Nísia Floresta, ver Duarte (1995, 2010).

¹⁰ Ver Bastos e Arriada (2008).

¹¹ Ver Bastos e Garcia (1999).

¹² Ver Bastos (2002).

do privado, do doméstico, um espaço invisível, inaudível, intuitivo, de união familiar (Bastos, 2010).

Rogers e Thébaud (2010), consideram que, no século 19 até a Primeira Guerra (1914), a educação das mulheres buscava transmitir a importância que a sociedade acreditava no seu papel de educadora no seio da família, isto é, deveria aprender o seu lugar. Em uma sociedade católica, em que a família constitui o pilar, as mulheres são consideradas mães e esposas. Nesse papel, devem se ocupar com seus deveres maternos e, em particular, com a educação das crianças, com ênfase na educação moral e nos códigos de sociabilidade.

Para Bourdieu (1999), historicamente, inúmeros são os escritos destinados a descrever a “natureza feminina” ou o “enigma da feminilidade” e a “natureza masculina”, que se apóiam em evidências de diferenças anatômicas ou psicológicas, para “produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina” (p. 33). São “mecanismos históricos responsáveis pela des-historicização e pela eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes” (p. 5). Se as mulheres, “submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio. Os homens também são prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas da representação dominante” (p. 63).

Chartier (2001, p. 105) nos coloca que

as obras - mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores - não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição de recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os *experts* sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção inventa, desloca e distorce.

Hoje, o que poderíamos dizer sobre a leitura de *Da educação das meninas*? Essa obra é um discurso fundador sobre a educação das mulheres e contribui para a compreensão da historicidade dos processos discursivos sobre como as questões de gênero se relacionam e como contribuem para tecer e homogeneizar a memória de uma época. Além disso, fazendo uso das palavras de Calvino (2006, p. 137), Fénelon foi “autor de um afresco do seu tempo”, construindo um texto repleto de conteúdos e mensagens, pleno de sentidos e marcando uma concepção de educação de que “a virtude pode ser ensinada e que o vício é consequência da ignorância” (Brum, 1995, p. 57).

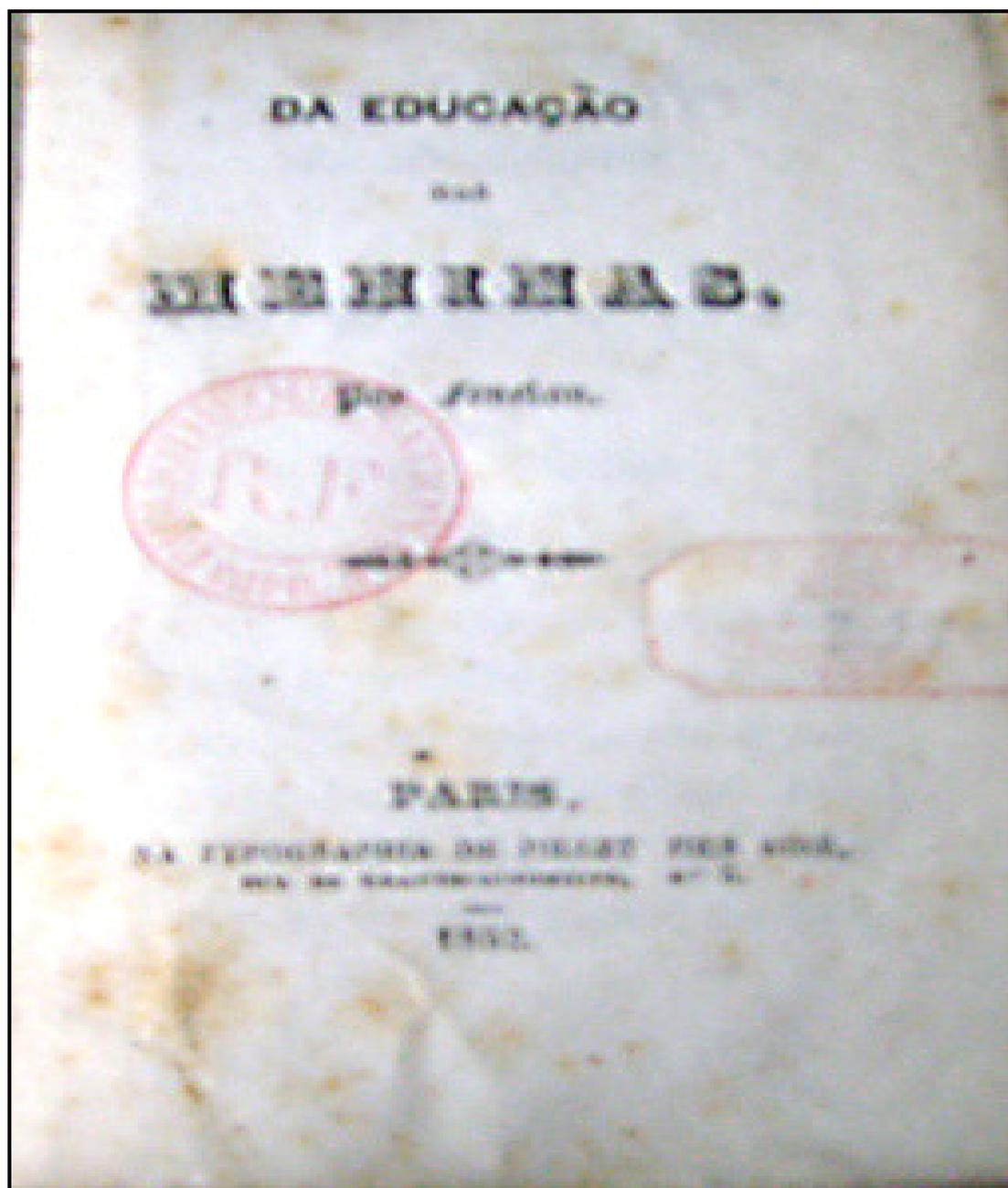
Referências

- BARBOSA, Rui. *Obras completas de Rui Barbosa: reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. V. X. 1883. Tomo II. Rio de Janeiro: Mesp, 1946.
- BASTOS, Maria Helena Camara. De pai para filha: cartas sobre a educação de Cora. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Cristina Venâncio (orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 89-113.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Leituras da ilustração brasileira: Célestin Hippeau (1803-1883). *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 3, 2002, p. 67-112.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Percursos de uma obra: as aventuras de Telêmaco de Fénelon no Brasil. In: MARTINS, Ângela Maria Souza; BONATO, Nailda Marinho da C. (Org.) *Trajetórias históricas da educação*. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Segredos de gênero: feminilidade e virilidade na obra de José de Assis Brasil. In: BARBOSA, Raquel L. L.; PINAZZA, Mônica A. (orgs.). *Modos de narrar a vida: cinema, fotografia, literatura e educação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 17-34.
- BASTOS, Maria Helena Camara; ARRIADA, Eduardo. A democracia na América, de Aléxis Tocqueville: uma leitura para a história da educação. *Revista Educação*, v. 11, n. 1, 2007, p. 5-14.
- BASTOS, Maria Helena Camara; GARCIA, Tania E. M. Leituras de formação: noções de vida doméstica (1879): Félix Ferreira traduzindo Madame Hippeau para a educação das mulheres brasileiras. *História da Educação*, v. 3, n. 5, 1999, p. 77-92.
- BOTO, Carlota. *Instrução pública e projeto civilizador: o século 18 como intérprete da ciência, da infância e da escola*. São Paulo: USP, 2001. Tese (Livre docência). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- BOTO, Carlota. O enciclopedismo de Ribeiro Sanches: pedagogia e medicina na confecção do Estado. *História da Educação*, v. 2, n. 4, 1998, p. 107-117.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRUN, Jacques Le. Prefácio. In: FÉNELON. *Les aventures de Télémaque*. Paris: Gallimard, 1995, p. 7-25.
- CALVINO, Ítalo. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANETTI, Elias. *As vozes de marrakech*. São Paulo: Cosac Naif, 2006.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHARTIER, Roger. Entrevista. *Revista História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 25, 2007, p. 48-53.
- CHASSAGNE, S. *L'éducation des jeunes filles il y a cent ans*. Paris: INRP, 1983.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Massangana, 2010.

- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN, 1995.
- FÉNELON, François de Salignac de La Mothe. *Da educação das meninas*. Paris: Typographia de Pillet Fils Ainé, 1852.
- FÉNELON, François de Salignac de La Mothe. *OEuvres*. Tomo I. Édition présentée, établi et annotée par Jacques Le Brum. Paris: Bibliothèque de la Pléiade da Gallimard, 1983.
- FÉNELON, François de Salignac de La Mothe. *OEuvres*. Tomo II. Édition présentée, établi et annotée par Jacques Le Brum. Paris: Bibliothèque de la Pléiade da Gallimard, 1997.
- FÉNELON, François de Salignac de La Mothe. *Traite de l'éducation des filles*. Paris: Klincksieck, 1994. 99p.
- FERREIRA, António Gomes. Três propostas pedagógicas de finais de Seiscentos: Gusmão, Fénelon e Locke. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, v. 22, 1988, p. 267-292.
- FERREIRA, Félix. *A educação da mulher*. Rio de Janeiro: Typ. Hildebrandt, 1881.
- FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Cortez; Brasília: Inep, 1989.
- FREITAG, Bárbara. *O indivíduo em formação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MAURY, Liliane. *Les origins de l'école laïque en France*. Paris: PUF, 1996.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 79-94.
- ROGERS, Rebeca; THÉBAUD, Françoise. *La fabrique des filles: l'éducation des filles de Jules Ferry à la pilule*. Paris: Textuel, 2010.

MARIA HELENA CAMARA BASTOS é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Endereço: Rua Felicíssimo de Azevedo, 770/601
90540-110 - Porto Alegre - RS.
E-mail: mhbastos@pucrs.br.

Recebido em 15 de agosto de 2011.
Aceito em 12 de dezembro de 2011.



DA EDUCAÇÃO DAS MENINAS POR FÉNELON¹

Paris, na Typographia de Pillet Fils Aimé.

Rue de Grands-Augustins, n. 5, 1852.

[10 x 15 cm, 168p]

CAPÍTULO PRIMEIRO

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DAS MENINAS

A educação das meninas é hoje assas descuidada, pois o costume e materno capricho são quem nela decidem quase sempre. Supõem muitas pessoas que este sexo carece de pouca doutrina mas o ensino dos meninos avalia-se negócio principal relativamente ao bem publico, e posto que nela se cometam menos erros que nos das meninas, corre como persuasão que grandes talentos são necessários para convenientemente desempenhá-lo. Habilíssimos sujeitos se apurarão em dar regras concernentes a essa matéria. Não vemos nós milhares de mestres e colégios? Não vemos gastarem horrorosas somas em impressões de livros, em científicas pesquisas, em métodos lingüísticos na escolha de professores? Pois todos esses preparativos contem amiúde mais aparência que solidez; todavia corroboram a alta idéia que o publico forma acerca da educação dos meninos. Quanto às meninas, não lhes revela serem sapientes, a curiosidade torna-as vãs e afetadas; basta saibam quando esposas, governar suas casas e obedecer a seus maridos sem discorrerem. Nem o mesmo público deixa de expor exemplos, nos quais prove ter a ciência volvido ridículas muitas mulheres: eis porque as meninas abandonadas vão ao dispor de mães ignorantes e indiscretas.

¹ Na digitalização, optou-se por atualizar a grafia, seguindo as regras da heurística historiográfica que autoriza essa prática e para facilitar a sua leitura no momento atual. No entanto, não alteramos a estrutura das frases, tal qual presente na tradução do autor de 1852.

Verdade há de receiar devemos fazer sábias ridículas. Comumente as mulheres têm mais fraco e curioso o espírito que os homens; por isso conveniente não é empenhá-las em estudos, nos quais obstinar-se possam. Nem governar devem o Estado, abrir guerra ou ingerirem-se no ministério de sagradas coisas. Não carecem, pois, de extensos conhecimentos pertencentes à política, à arte militar, à jurisprudência, à filosofia e à teologia. Boa parte mesmo das artes mecânicas não lhes convém. As mulheres nasceram para moderados exercícios; por quanto, seu corpo e seu espírito menos fortes e robustos são que o dos homens; mas, em desforra, outorgou-lhe a natura indústria, asseio e economia para ocupá-las sossegadas em suas casas.

Porém que resultado brota a natural fraqueza das mulheres? Quanto mais débeis são, mais importante é que se fortifiquem. E ora não tem elas deveres a encher? E deveres nos quais se escora a vida humana? Não são as mulheres quem arruínam ou sustem a casa, quem regulam a miudeza dos caseiros objetos e quem, por conseguinte, decidem do que mais perto diz respeito a todo gênero humano? Eis como elas colhem a principal parte nos bons ou maus costumes de quase toda a gente. Uma mulher judiciosa, aplicada e com religião, alma é de uma grande morada, na qual verte ordem para os bens temporais e a salvação. Até os homens que toda a autoridade tem em publico, nenhum bem efetivo estabelecer podem mediante suas deliberações, se a executá-la os não ajudam as mulheres.

Não é o mundo um fantasma, é um o nexo de todas as famílias. E quem, com mais exato cuidado civilizá-las pode que as mulheres, as quais além de seu natural mando, atentam ainda a predicado de haverem nascido esmeradas, atentas na miúdo, industriosas, insinuantes e persuasivas? E podem acaso os homens aguardar para si mesmos alguma doçura na vida se sua mais estreita sociedade, que é o matrimonio se volve amarga? Mas que será dos filhos, que comporão no futuro tempo o gênero humano, se as mães os estragam em seus tenros anos?

Eis, pois, as ocupações das mulheres; ocupações não menos importantes ao publico que a dos homens, visto terem uma casa a dirigir, um esposo a fazer feliz e filhos a bem educar. Ora convir devemos que a virtude pertence tanto as mulheres quanto aos homens. Sem aqui alegarmos o bem ou mal que elas ao publico fazer podem; metade são do gênero humano resgatado com o sangue de Jesus Cristo e destinado à vida eterna.

Enfim, considerar devemos, afora o bem que as mulheres exercem, quando boa educação receberam, o mal que elas no mundo causam quando carecem de um ensino que virtude lhes impele. Evidente é que o mau ensino das mulheres produz mais mal que

o dos homens; atendido que as desordens dos homens deviam quase sempre da péssima educação que suas mães receberam, e das paixões que outras mulheres lhes inspiraram na juventude.

Oh! Quantas intrigas nos apresenta a história! Que transtorno de leis e usanças! Que guerras sanguinolentas, novidades contra a religião e revolta de Estado causadas pela feminil devassidão! Eis o que prova importa que as meninas sejam bem ensinadas: busquemos meios para isso.

CAPÍTULO SEGUNDO

INCONVENIENTES DAS EDUCAÇÃO ORDINÁRIAS

Se uma menina se aborrece e não sabe em que inocentemente ocupar-se, é porque alenta ignorância. Quando uma rapariga alcança certa idade sem aplicar-se a coisas sólidas, grangear-lhe não pode gosto e estima, tudo a sério lhe parece triste; e o que seguida atenção requer a molesta. O pendor ao prazer, pendor forte durante a adolescência, o exemplo de outras raparigas de sua idade, que entregues fazem os divertimentos, lhe vertem repugnância a viver regular e laboriosamente. Em anos tão verdes até falecem experiência e autoridade para qualquer coisa governar no paterno domicílio: nem a importância conhece, outrossim, de a isso aplicar-se, a menos que sua mãe não lhe explique. Se a rapariga é nobre ou rica, isenta está de grosseiros labores, e se algumas horas trabalhar durante o dia será para conformar-se ao comum provérbio, “Que honesta é as mulheres trabalharem”. Mas isso, a mais das vezes será aparente, e ela não se costumará a trabalho assíduo.

Em estado tal que fará ela? A companhia de sua mãe, que a serve e repreende, que julga educá-la bem não lhe perdoando coisa alguma, que tolerar lhe faz seus assomos e carregado lhe parece sempre de domésticos cuidados, a desgosta e desanima. Rodeiam-na lisonjeiras mulheres, as quais curando insinuar-se, mediante rasteiras e perigosas condescendências seguem-lhes todos os caprichos, e só lhe falam do que desgostá-la pode do bem. Languido exercício lhe parece a piedade, e contraria regra a todos os deleites. Em que se ocupará ela pois? Em nada útil. Inaplicação semelhante volve-se mesmo em incurável costume.

Entretanto, eis um largo vácuo que difícil é se encha de sólidas coisas, forçosa é logo que as frívolas as substituam. Em ócio tal uma menina entrega-se à preguiça, que

languidez é da alma, é manancial inexaurível de dissabores. Ela aveza só dormir duas vezes mais que o necessário para saúde conservar perfeita: sono tão dilatado amolenta-a; volve-a franzina; e a expõe corpóreas revoltas; ao mesmo passo que um sono medíocre, ladeado de regular exercício, volve alegre, vigoroso, robusta qualquer pessoa, e sem dúvida constituir ele a vera perfeição do corpo, não falando das vantagens que ao espírito concede. E ora, como essa moleza e ociosidade andam anexas à ignorância, elas brotam uma pernicioso sensibilidade para divertimentos e teatros, sobre excitarem indiscreta e insaciável curiosidade.

Ocupadas em coisas sérias, as pessoas instruídas só alentam comumente curiosidade medíocre: o que elas sabem bafeja-lhes menosprezo para muitas coisas que ignoram: elas vêm a inutilidade e ridículo da maior parte das coisas que acanhados espíritos que nada sabem e de nada se ocupam, se afervoram aprender.

Ao contrário, as meninas pouco instruídas e inaplicadas têm imaginação sempre errante. A curiosidade sua, balda de alimento sólido, volve-se ardente a perigosos e vãos objetos. As que engenho possuem se alçam amiúde em afetadas; e lêem quantos livros nutrir-lhe podem a vaidade. Dão-se afincadamente a romances, a comédias e a narrações de quiméricas aventuras mescladas de profano amor. Elas, acostumando-se à magnífica linguagem dos românticos heróis, volvem extravagante seu espírito e até se estragam para o mundo, visto que todos esses lindos e aéreos sentimentos, todas essas generosas paixões e aventuras imaginadas pelo autor para deleitar, não têm relação alguma com os veros motivos que alor dão no mundo, e que dos negócios decidem, nem com os falseios que achamos no que empreendemos.

Uma pobre rapariga embebida no terno e maravilhoso que tanto a extasiam em suas leituras, pasma de não deparar no mundo verdadeiros personagens semelhantes a esses heróis. Bem quisera ela viver como essas imaginadas princesas, que nos romances alardeiam graças e são estremecidamente adoradas. Quão enjoativa para ela o baixar do heroísmo até as mais rasteiras miudezas da casa.

Outras estendem mais a curiosidade sua, e decidir querem acerca da religião, bem que incapazes. Mas as que suficiente latitude não tem de espírito para curiosidades tais, outras possuem que proporcionadas lhes são: saber querem ardentemente o que se diz e faz; isto é, uma cantiga, notícia, intriga, receber cartas; ler as que outras recebem, querem tudo lhes declarem, e querem também declarar tudo. Elas são vãs e a vaidade é muito loquaz: são volúveis e a volubilidade dá talho a reflexões que não poucas vezes imporiam silêncio.

CAPÍTULO TERCEIRO

QUAIS SÃO AS BASES PRIMEIRAS DO ENSINO

Para que todos esses males emenda tenham, relevante é se dê princípio a educação das meninas, quando estas ainda se acham em tenros anos. Essa primeira idade, idade abandonada a mulheres indiscretas e mesmo devassas, é todavia a em que se estampam impressões profundíssimas; e, por conseguinte, grande referencia tem ao restante da vida.

Antes que os meninos² falar saibam cabalmente dispô-los podemos ao ensino. O leitor achara talvez que eu digo muito, mas não note o que faz o menino que ainda não se exprime, ele aprende um idioma que breve articulará mais exatamente que os sábios as línguas mortas estudadas com tanto custo em maduríssimos anos. Porém, que é aprender um idioma? Não é unicamente povoar a memória de muitas palavras é, segundo Santo Agostinho, seguir, em particular, o sentido de cada uma delas. “O menino, diz ele, entre seus gritos e brinquedos, nota de que objeto cada voz é sinal; e isso, ora considerando os naturais meneios corpóreos, que tocam os tais objetos ou os mostram; ora movido pela freqüente repetição do mesmo vocábulo para significado igual coisa”. Verdade é que o temperamento do cérebro das crianças lhes dá admirável facilidade para a impressão de todas essas imagens. Mas quanta atenção de espírito é necessária para discernir e para ligá-las uma a uma a seu objeto?

Notai também quando as crianças brincam, as pessoas que as afagam e se esquivam às que temem; como gritar ou calar-se sabem, para alcançarem o que desejam! E quanta malícia e inveja nutrem já! “Eu vi, diz o mesmo Santo, um menino invejoso: ainda falar não sabia, e já com o rosto pálido e assanhados olhos observava a criança que com ele mamava”.

Capacitar-nos podemos que as crianças têm mais conhecimento do que comumente pensamos. Assim, dar-lhes podeis, mediante palavras ajudadas por tons e gestos, a inclinação de fazerem coisas virtuosas e honradas pessoas, a quem olhem e não com outras desarazoadas que perigoso seria amá-las. Também podeis, com gestos diversos e vocal som representar-lhes com horror as pessoas que eles viram coléricos ou em outro

² O leitor estranhará a menção numericamente significativa aos meninos e não às meninas. Essa questão deve-se que o tradutor sempre que houve o uso da palavra “des enfants” (crianças), optou por usar “meninos”. Esse estranhamento é momentâneo, pois Fénelon recorre constantemente à educação dos meninos como parâmetro para expressar como devia ser a educação das meninas.

qualquer desmancho; e formar tons mais brandos, com sereno rosto a fim de representar-lhes admiravelmente o que eles olharam modesto e sisudo.

Eu não encareço tais bagaetas; mas enfim, essas afastadas disposições são princípios que descuidar não devemos; e este modo de precaver de antemão as crianças resultados da insensíveis, que o ensino facilitam.

Se alguém em dúvida põe o poder que esses infantis preconceitos exercem nos homens, lembre-se de quão vivo e tocante é ainda, na madura idade, o recorde das coisas que na infância amamos. Se, em vez de aterrarmos o tenro cérebro das crianças com fantasmas e papões; se em vez de as deixar seguir todos as idéias de suas amas-de-leite relativas a coisas que amar ou fugir devem, nos esmerássemos em lhes tecer sempre agradável noção do bem, e horrível do mal; esta prevenção muito lhes facilitaria, no porvir, o exercício de todas as virtudes. Ao contrário, medo lhe metemos com um clérigo envergado em loba preta, só da morte lhes falamos para assustá-las; e narramos-lhes a noturna na volta dos finados sob medonhíssimas formas; imagens tais só contribuem a enfraquecer e intimidar a alma, preocupando-a contra as melhores coisas.

O mais útil, na flor da infância é observarmos a saúde do menino, infundindo-lhe bom sangue, mediante escolha alimentícia e simples regime vital; é regularmos-lhe o respeito de maneira que ele, quase as mesmas horas, sempre coma segundo sua urgência; e tal não faça a cada instante, pois sobrecarrega o estômago enquanto a digestão se opera; não coma ele gulodices que o fartem, desgostando-as dos alimentos mais benéficos à saúde sua; nem tampouco que ministremos pratos vários, pois estes só aguçam o apetite, quando a vontade de comer satisfeito está.

Importantíssimo é, outrossim, o deixarmos consolidar os órgãos do menino, não lhe acelerando o ensino, e evitando tudo quanto possa as paixões atrair-lhe. Avisemos também o menino a não ter as coisas que anelante desejou, a fim de que jamais alcançá-las espere.

Por pouco que boa seja a índole das crianças volve-las poderemos dóceis, pacientes firmes, alegres e tranqüilas; ao mesmo passo que se deixarmos esta primeira idade, elas ardentes e inquietas se tornarão enquanto vivem: os hábitos formam-se; o corpo ainda tenro e a alma não vergante ainda a nenhum objeto dobram ao mal. Brotas nelas um como segundo pecado original; causa, quando mais crescidas em anos, de mil desordens.

Revela então só escutem palavras que lhes ensinem o amor, a verdade, e despreza-lhes insinuar-lhes a toda a dissimulação. Por isso, empregar não devemos fingimento

algum para acalmá-las, ou insinuar-lhes o que querem; de contrário, só malícia aprendem: pela mesma razão é que guiá-las cumpre quanto se pode.

Mas, para com maior miudeza vermos o que aos meninos compete, examinemos de mais perto seu estado. Moles tem os miolos; porém endurecem diariamente. Quanto ao seu espírito, nada sabe: tudo lhe é novo. Essa cerebral brandura faz que ditos e coisas nela se incrustem facilmente: da novidade a surpresa infunde-lhes admiração espontânea e, por conseguinte, curiosidade extrema. Certo é que essa unidade e maciez do cérebro unidas pelo calor brotam contínuo e fácil movimento. Eis de onde mana essa agitação nas crianças; agitação que lhes impede fixarem o espírito em um objeto, bem como o corpo em qualquer sítio.

E ora, as crianças não sabendo pensar ou fazer coisa alguma por si mesmas, tudo notam; pouco falam, se as não avisamos a loquacidade; e eis o que devemos eximir-nos. As perguntas, que às vezes aos meninos fazemos, estragam-nos; pois as incitam a arriscar quanto à ideia lhes vem, falando acerca de coisas, cujas distantes noções ignoram; daí provem dizerem atabalhadamente coisas de que não possuem inteligência: isto forma péssimo caráter de espírito.

Esse prazer, que extrair queremos das crianças, produz ainda pernicioso efeito: elas reparam que as olhamos condescendentes, que lhes observamos quanto fazem e gostosos os ouvimos. Resulta disso a pensarem que só delas nos ocupamos.

Durante essa aplaudida e não contrariada idade surgem quimeras esperanças para toda vida. Meninos conheci eu que julgavam a seu respeito falarem, cada vez que essa tinha lugar em secreto. E por que? Por presumirem ser tudo neles extraordinário. Revela pois curemos dos meninos; mas sem mostrar-lhes que deles nos ocupamos. Patentai-lhes que só por amizade e urgência de dirigi-los lhes atentais a proceder, sem todavia lhes admirardes o espírito. Cifrai-vos em formá-los pouco a pouco, segundo os ensejos que naturalmente ocorrem. E ainda mesmo que adiante podeis muito a inteligência de um menino sem instigá-la temei de assim obrar, por quanto o risco da vaidade e presunção sempre excede a fruta dessas prematuras educações, cujo boato é tão grande.

Contentemo-nos de ajudar a seguir a natureza. Pouco sabem as crianças, não lhes puxemos as vozes: como ignoram muitas coisas, fazem amiúde perguntas. Basta lhes respondamos em suma, adubando nossas respostas com algumas comparaçõeszinhas a fim de lhes melhor embeber nossas noções. Se as crianças decidirem querer alguma coisa sem cabalmente conhecê-la, enleia-las devemos com novas questões para inteirá-las de seu erro, sem asperamente confundi-las. Devemos também mostrar-lhes não com

louvores vagos, sim com algum sinal efetivo de estima, que mais lhes aprovamos a duvidar do que é decidir. Eis a vero modo de calar-lhes o espírito, cortesmente, modéstia certa e grande menosprezo aos contrastes, tão usuais nas pessoas jovens e pouco instruídas.

Se a razão progrediu nos meninos, premuni-los devemos contra a presunção. “Bem sabeis lhes direis vós, que mais razoáveis sois agora que o ano passado; pois, no que se segue mais coisas vereis que as atuais. Se no ano já findo, decidir quisésseis acerca das coisas, que agora sabeis e então ignoráveis, julgá-las-eis mal; e culpa teríeis de quererdes saber o que ao vosso alcance excedia. O esmo acontece hoje acerca das coisas que ainda não conheceis. Dia virá em que sabeis quão imperfeitos hoje são vossos juízos. Confiai pois nos conselhos das pessoas que julgam como vós julgareis quando sua idade e experiência tiverdes”.

Natural pendor é a curiosidade dos meninos; pendor que o ensino antecipa. Aproveitai-o. Se no campo, por exemplo, eles avistam um moinho, e saber querem o que é, narra-lhe como se prepara o alimento que aos homens nutre. Se descortinarem seifeiros, explicai-lhes o que fazem; como se semeia o trigo e medra no solo. Se na cidade vêm lojas onde se exercem artes ou vendem fazendas, não vos enojeis das perguntas que a esse respeito vos façam, pois são abertas, que a natura vos oferece para facilitar o ensino. Dai-lhes a entender que elas vos agradam, e explicai-lhes. Pouco a pouco, sem particular estudo, elas saberão todas essas coisas e o justo preço de cada uma, base verdadeira da economia. Conhecimentos tais, que ninguém desprezar deve, são indispensáveis às meninas.

CAPÍTULO QUARTO

IMITAÇÃO A TEMER

A ignorância nos meninos, em cujo cérebro nada jaz impresso, e hábito não tem, os volve flexíveis e propensos a imitar quanto observam. Revela, pois, que se lhes apresentem bons modelos; e que pessoas, que a eles se chegam, lhes sirvam de bom tipo; mas como as crianças não escapam alheias irregularidade, sem embargo de tomadas cautela, convém lhes patentiamos a impertinência de certas pessoas desrazoadas e viciosas, cuja reputação merece severa censura; e outrossim, quando uma pessoa é desprezível, se não cultivando a razão se abandona as paixões. Eis como, sem

avezá-los à zombaria podemos formar o gosto aos meninos, volvendo-os dóceis ao verdadeiro decoro. Nem ocultar-lhes devemos certos defeitos mesmo em pessoas que acatar-lhes cumpre mas devemos insinuar-lhes acharem-se os tais defeitos compensados por vantajosas qualidades; e que, como nada se dá perfeito cá no mundo, admirar devemos o que menos imperfeito é.

Também forçoso nos é atalhar nas crianças o imitarem pessoas ridículas; pois esses gestos mofadores e cômicos são o quer que é de rasteiro e contraditório a honrados sentimentos. Receiar devemos que os meninos não tomem a tais gestos, visto que sua escondida imaginativa e corpórea flexibilidade, anexas ao júbilo seu, lhes sugerem toda a sorte de formas para remendarem o ridículo que se lhes antolha.

Este pendor nos meninos tendente à imitação brota males infinitos, quando entregues a sujeitos desvirtuosos e pouco moderados ante eles. Mas o Onipotente, neste mesmo pendor, deu facilidade aos meninos para vergarem ao bem. Basta, às vezes, mostrarmos-lhes em outrem o que desejáramos fizessem.

CAPÍTULO QUINTO

INSTRUÇÕES INDIRECTAS. NÃO DEVEMOS CONSTRANGER OS MENINOS

Assento que empregar nos convém amiúde estas indirectas instruções; como advertências para aguçar a atenção das crianças acerca dos exemplos que se lhes derem.

Certa pessoa poderia perguntar, algumas vezes, ante eles, a outro; “Por que fazeis isso?” E essa pessoa responder-lhe: “Faça-o por tal razão”. E depois: “Por que confessastes vosso erro?” – Porque outro maior cometeria se o negasse; e nada há tão belo como dizermos francamente: “Tenho culpa”. A primeira pessoa pode então louvar a que assim se acusou, mas sem afetação; porquanto os meninos são mais penetrantes do que pensamos, e assim que algum artifício notam nos que os governam, perdem a simplicidade e a confiança que naturais lhe são.

Notamos ser o cérebro das crianças úmido e quente, e isto causa-lhes movimento contínuo. Essa cerebral moleza faz que todas as coisas ali se imprimam facilmente, e que as imagens dos objetos sensíveis lhes são vivíssimas. Devemos, pois, dar-nos pressa em lhes escrever na cabeça enquanto os caracteres se entalhem facilmente; mas revela

escolhamos bem as imagens que nelas inserir devemos. Ora fuçamos verter em tão pequeno e precioso reservatório coisas que apuradas não sejam. Recordemos que em idade tal, verter não convém nos espíritos senão o que desejamos que neles toda a vida permanecessam. Enquanto o cérebro é tenro, as primeiras imagens nele impressas são as mais profundas, e endurecem a medida que a idade o seca, de sorte que indeléveis se tornam. Daí deriva que quando velhos somos, acodem-nos a memória coisas da adolescência bem que afastadas; em vez que nos lembramos menos das que vimos em mais maduros anos; e isto porque os traços foram gravados no cérebro quando este já estava mirrado e cheio de outras imagens.

Quando tais razoados ouvimos custamos a crê-los: todavia certo é que assim discorremos sem dar por tal. Não dizemos frequentemente: “Tomai este costume; sou muito velho para mudar, fui nutrido de tal maneira? E ora não sentimos nós singular gesto em recordar imagens da juventude? E as mais fortes inclinações não foram as que adquirimos em anos tais? Não prova tudo isso serem os primeiros hábitos e impressões mais fortes? Se a infância é apta a embutir imagens no cérebro, confessar devemos que o é menos ao raciocínio. Essa umidade cerebral, que volve fáceis as impressões, unida a calor demasiado, brota um abalo que impede qualquer aplicação seguida.

É o cérebro das meninas qual vela acesa em sítio exposto ao vento: sua luz vacila sempre. Se um dos tais meninos vos faz uma pergunta antes que lhe respondeis, crava os olhos no teto, onde conta todas as figuras nele pintadas ou os vidros das janelas. Se reconduzi-lo quereis a seu primeiro objeto, vós a constrangeis como só em prisão o tivésseis. Convém pois poupar-lhe cuidadosíssimos os órgãos, enquanto não enrijecem. Respondei-lhe prontamente a questão, e deixa-lhe surgir outras a seu libido. Alimentai-lhe somente a curiosidade, e compondo-lhe na memória um acervo de bons materiais: tempo virá em que eles por si mesmos se unam; e que o cérebro, mais consistente, concederá ao menino o discorrer de súbito. Entretanto limitai-vos em emendá-lo quando não falar pautado e a dar-lhe a sentir sem precipitação, segundo as abertas que vos apresentar, o que é extrair retamente uma consequência.

Deixai pois brincar uma criança e misturai o ensino com a brincadeira: só a intervalos e com risonho semblante se lhe antolhe a sapiência; não a fadigue com indiscreta exatidão.

Se o menino forma triste e sombria ideia de virtude, se a liberal e a desenvoltura se lhe apresentem em figura agradável, tudo está perdido e em vão trabalheis. Não consentais o adulem engenhos acanhados em pessoas sem regra. Avisamos a amar os

costumes e sentimentos das pessoas que estimamos. O trato que abrimos com sujeitos malcriados, nos move a pregar pouco a pouco o que eles alentam de desprezível.

Se quereis que aos meninos agradem as pessoas morigeradas, apontai-lhe o que as tais pessoas encerram de amável e cômodo; apontai sua sinceridade, modéstia, desinteresse, fidelidade, discrição, porém mormente sua piedade, origem de tudo o mais.

Quando algum sujeito tem coisa repugnante, dizei: “A piedade não dá esses defeitos; quando perfeito, extirpa-os, ou ao menos, mitiga-os”. Em suma, não teimemos em inculcar às crianças certas pessoas devotas, cujo exterior é nojoso.

Bem que em vós alentais para só apresentardes o bom, não julgueis que um menino desconhece falta em vós; ele até notará as mais leves.

Refere Santo Agostinho que desde sua infância observara a vaidade de seus mestres relativamente aos estudos. O em que vós deveis esmerar-vos é conhecer vastos defeitos como o menino os conhecera, e que almas sinceras vo-los expobrem. Comumente os que ensinam as crianças nada lhes perdoam; mas perdoam tudo a si mesmos: isto sopra nelas malignidade e crítica; de sorte que quando escapou alguma falta a seu mestre, exultam e desprezam.

Evitai esse inconveniente e não temais falar dos defeitos que em vós requebram, e dos que vós escorregam ante o menino. Se o apalpais capaz de razão, declarai-lhe que corrigindo as faltas servir-lhe-eis de exemplo para que as suas emende. Eis como de vossas mesmas imperfeições extraireis doutrina para instruir e satisfazer vosso aluno e animá-lo corrigindo-o; evitareis mesmo o asco que as imperfeições vossas causar-lhe poderão.

Convém, outrossim, acheis meios de volver agradáveis ao menino as coisas que dele exige. Se a propor-lhe tendes alguma desagradável, dei-lhe a entender que a pena terá por séquito o prazer; mostrai-lhe sempre a utilidade do que ensinai, e seu uso relativamente ao mundano comércio e aos deveres das condições, sem o que, abstrato, estéril e espinhoso lhe parece qualquer labor. Por que aprendo eu, dirá ele entre si, coisas que não tem entrado na conversa, nem referência alguma ao que se pratica?”. Convém pois lhe deis razão de tudo que lhe ensinem. “É, lhe direis, para vos habilitar o bem fazer o que fizerdes futuramente, é para vos apurar o juízo, e acostumar-vos a discorrer acerca de todos os negócios da vida”. Necessário é mostrar sempre às crianças um agradável e sólido fim que as sustente no trabalho; sem jamais as abrigarmos com seca e absoluta autoridade.

Apenas virmos que medram em razão, convém gradualmente discorrarmos com elas no tocante ao ensino, não para lhes seguirmos todas as idéias, sim para as aproveitarmos, quando nos derem a conhecer seu vero estado, para lhes experimentarmos o discernimento, e fazer-lhes saborear as coisas que queremos que executem.

Nem vestais nunca, sem urgência extrema, esse imperioso e austero aspecto, que tremer faz as crianças. As mais das vezes é isso afetação e pedantismo nos mestres; pois os meninos são comumente tímidos e vergonhosos. Apertar-lhes-ei o coração, e tirar-lhes-ei a confiança, sem a qual educação não frutificam.

Dai-vos a amar aos meninos, sejam livres convosco, mas não temam mostrar-vos seus defeitos. Para isso conseguirdes, sede indulgente aos que não se disfarçam ante vós. Nem colérico vos mostrais admirado de suas más inclinações, deplorai antes as fraquezas suas. Pode acontecer, algumas vezes que os não enfreie o medo; mas, em todo acaso, mais úteis são confiança e sinceridade que poder rigoroso.

Além de que a autoridade não deixará de ter lugar, caso não sejam assas fortes, persuasão e confiança; mas abrir devemos proceder alegre, franco, familiar sem baixeza, que nos preste meio de ver obrar os meninos em natural estado, e conhecê-los a fundo. Enfim, quando mesmo os dobrásseis a força a cumprir as regras vossas, não tocarias o vosso fito: tudo se desfaria em incômodas fórmulas, e em hipocrisia talvez. Desgostá-los-ei do bem, ao qual unicamente deveis imperar-lhes amor.

Se o sábio recomendou sempre aos pais de ter sempre a vara erguida sobre seus filhos; se disse que um pai que com seu filho brinca, chorará depois, não é porque expobre uma branda e paciente educação; ele só condena esses pulsinâmes e inconsiderados pais, que afagam as paixões de seus filhos, que só curam folgar com eles duramente sua infância, e isso até o ponto de tolerar-lhes excessos.

Devem, pois, os pais conservar sempre autoridade para a correção, visto darem ser índoles que domar devemos mediante o temor; mas, torno a repetir, não a empreguemos senão quando melhor não podermos.

Um menino que ainda não obra que por imaginativa, e que confunde em sua cabeça as coisas que unidas se lhe apresentam, odeia estudo e virtude, pois odeia a pessoa que dessas coisas lhe fala.

Eis de onde deriva tão negra e horrorosa idéia da piedade; idéia que ele alimenta enquanto vivo e eis tudo quanto lhe resta de uma educação severa. Algumas vezes

tolerar devemos coisas que careceriam corretivo; e aguardar o instante que o espírito da criança disposto esteja a aproveitar a correção.

Nem o repreendeis nunca em seu primeiro movimento ou no vosso. Se no vosso o fazeis, se ele conhece que por humor e assomo e não por amizade e razão obreis, sem recurso perdeis a autoridade vossa. Se em seu primeiro movimento o increspais, ele o espírito não tem asas livre para confessar o erro, vencer sua paixão e sentir a importância dos avisos vossos: até o expondes a perder-vos o respeito que vos deve. Mostrai-lhe sempre que vos comedis: mais que muita paciência vossa lhe provará; e para bem corrigi-lo, observai se necessário for alguns dias, o instante propício. Nem digais ao menino sua falta sem lhe adjetivar algum meio de superá-lo, por quanto evitar devemos o desalento que a correção inspira, quando é seca. Se ele porém é um pouco razoável, assento devemos decidi-lo insensivelmente a pedir lhe declaremos seus defeitos: eis o meio de lhes dizermos sem afligi-lo mas não muito de uma vez.

Considerar devemos que os meninos tem débil a cabeça, que sua idade só as sensibiliza ao prazer, e que pessoas há que deles exigem às vezes uma exatidão e seriedade e que eles mesmos não terão. O falarmos sempre às crianças de palavras e coisas que não entendem, imprimi-lhes no temperamento dissabor e tristeza. Nenhuma liberdade e alegria! sempre lição, silêncio, postura incômoda, castigo e ameaças?

Melhor que nós entenderão os Antigos o ensino. Mediante o deleite da verificação e da música é que as principais ciências, virtuosas máximas e polidez de costumes se insinuaram no Hebreus, Egípcios e Gregos. As pessoas sem leitura custa-lhes a crer isso: tanto os costumes nossos diferem! Todavia, por pouco que a história conheçamos, é sem dúvida ter sido essa a vulgar prática de muitos séculos. Cifremonos, ao menos, em o nosso, a unir o útil ao agradável quanto pudermos.

Mas, bem que forçoso nos seja inspirarmos susto a certos meninos, cuja índole é dura e recalcitrante, todavia não recorramos a esse meio, sem pacientes experimentarmos todos os outros remédios. Convém até darmos-lhe a entender distintamente a que se reduz o que lhes inquirimos; e mediante o que nos darão contento; por quanto revela que o júbilo e a confiança sejam sua comum disposição; aliás ofuscamos-lhe o ânimo. Se bruscas são, azedamo-los; se frouxos, tornamo-los estúpidos. É o temor qual os remédios violentos que nas doenças extremas se empregam; sim purgam mas alteram o temperamento, e embotam os órgãos: uma alma conduzida por temor sempre é mais fraca.

E ora, posto não devemos ameaçar sem punir, a fim que as ameaças se não volvam desprezíveis, releva-nos porém castigar menos do que ameaçamos. Quanto à punição, ela ser deve diminutíssima; porém ladeada de todas as circunstâncias que infundir possam no menino vergonha e remorsos. Por exemplo, declarai-lhe tudo o que obrastes para evitar tal extremo. Mostrai-vos ante ele aflito, faltai-lhe em presença de algumas pessoas acerca do infortúnio daqueles, que carecendo de honra e razão se atraem castigo. Cercai-lhe as mostras de comum amizade, te que vejais demanda consolo. Seja esse castigo público ou secreto segundo o avaliardes mais útil ao menino; quer causando-lhe grande vergonha, quer mostrando-lhe que lhe poupais. Rezes vai essa pública vergonha como remédio último. Empregar, algumas vezes, uma arrazoada pessoa que ao menino console, e lhe diga o que vós então não deveis dizer-lhe; que o guarneça da má vergonha, que o disponha a volver a vós; pessoa a qual ele movido abrir possa mais livremente seu coração, que na presença vossa. Não pareça, todavia, que vós só quereis do menino as restritas submissões. Obrai de maneira que ele próprio se condene se escuse de bom grado, e que só falte adoçar-lhe a pena que ele aceitado haja. Deve cada qual usar as regras segundo as particulares urgências. Nem os homem, e especialmente os meninos se assemelham sempre: o que bom é hoje, é perigoso amanhã; um proceder sempre uniforme não pode ser útil.

O melhor será darmos aos meninos poucas lições formais. Em práticas jocosas tecer podem grande copia de instruções que mais úteis sejam que as lições mesmas. Crianças, conheci eu, que aprenderam a ler brincando: basta lhes contemos coisas divertidas tiradas, ante elas, de um livro, e dar-lhe a conhecer imperceptivelmente as letras. As tais crianças recorreram sempre à origem do que tanto gosto lhe causou.

O que enoja os meninos é seus mestres obrigar-lhes a ler enfática e ridiculamente o latim. Bom será lhes darmos um livro encadernado, com áurea corte, bonitas estampas e nítidos tipos. Tudo quanto alegre a imaginação facilita o estudo. Escolhei nele histórias maravilhosas e curtas, e vereis como o menino logo aprende a ler.

Nem o canseis com a pronúncia exata, deixai-o articular como fala: os outros tons são sempre maus e cheiram a declamação colegial. Quando solta tiver a língua, peito mais forte e maior uso, ele lerá fácil, gracioso e distintamente.

O modo de o ensinarmos a ler deve ser quase o mesmo. Quando os meninos, já estão um pouco adiantados na leitura, recreia-los podemos formando-lhes letras; e se deles há mais de um, inspiremos-lhes emulação.

Propendem naturalmente os meninos a traçar figuras no papel. Por pouco que esta inclinação lhes bafejemos, sem aporreá-los, eles comparam as letras brincando, e pouco a pouco se avezarão a escrever. Podemos excitá-los a isso prometendo-lhes alguma recompensa de que gostem; mas sem conseqüência perigosa.

“Escrevei-me um bilhete, lhes diremos, mandai dizer tal coisa a vosso irmão ou a vosso primo”. Isso apraz os meninos, com tanto que imagem alguma de regular lição a perturbe.

“Uma livre curiosidade”; diz Santo Agostinho, impele mais o espírito das crianças que uma regra e urgência pelo tempo imposta.

O defeito, nas comuns educações, é derramarem tédio no estudo, e prazer nos recreios. Como, pois, não há o menino de tolerar impaciente essa regra, e abalançar-se ao brincar?

Mudemos, pois, ordem tal, volvamos agradável o ensino, ocultando-o sob a aparência de liberdade e gosto. Consintamos que as crianças interrompam algumas vezes o estudo com jocosos chistes. Urgentes lhes são distrações tais para o espírito refocilarem.

Deixemos lhes alargar a vista, e que de tempo em tempo tomem alguma digressão ou abram algum jogo, para que seu espírito se difunda; e depois, volvamo-los ao alvo. Estudos aturados são-lhes nocivos. Os mestres afetem essa regularidade, porque lhes é mais cômodo que sujeitarem-se a aproveitar todos os momentos. Extirpemos aos folguedos dos meninos o que demasiadamente as apaixone; mas não o que lhes ofereça variedade agradável, curiosidade para coisas úteis e corpóreo exercício para artes convenientes. As que eles mais prezam são as de movimento. Regala-as o mudar de útil: basta-lhes uma bola ou um papagaio.

Não nos dêem o menor cuidado os recreios dos meninos; eles facilmente os inventam, basta os atentemos alegres, e os moderemos quando muito se escandescerem. Releva lhes façamos sentir quantos deleites o espírito brotar pode, a saber: conversar, novelas, histórias e jogos instrutivos. Tudo isto se usará a tempo; mas não forcemos, a esse respeito o gosto das crianças, ofereçamos-lhe abertas: tempo virá em que seu corpo bula menos, e o espírito obre mais.

O desvelo que poremos em verter gosto nos empregos sérios muito comprimirá o juvenil ardor relativo a perigosos recreios. A sujeição e o tédio são quem tanto aguçam a impaciência do folgar. Se uma menina não se aborrecesse tanto ao pé de sua mãe, não a pungira certo, o anseio de escapar-lhe para ir buscar companhia menos boas.

Evitamos, na escolha dos divertimentos, sociedades suspeitas. Nada de rapazes com raparigas! Nem destas cujo espírito não seja pautado ou seguro! Jogos que distraem e apaixonam demasiado, que avezam uma menina a quebros de corpo imodestos; freqüentes saídas de casa, colóquios que as provoquem, evitar-se devem. Uma pessoa não estragada por desenfado grande ou que nascer não fez em si paixão ardente, depara sem custo a alegria; visto que suas veras origens são inocência e saúde. Porém quem infelizmente se aveza a violentos prazeres, desgosta-se das moderadas e enoja-se buscando inquieto o júbilo.

Deteriora-se o gosto assim nos folguedos como nas viandas. Quando acostumado estamos às coisas de superlativo gosto, as carnes comuns e simplesmente adubadas se nos volvem insípidas. Temamos, pois, esses grandes abalos da alma, que geram aborrecimento e asco, mormente nos meninos; os quais resistem menos ao que sentem, e comovidos querem ser sempre. Conservemos-lhe o gosto a coisas sanas: nem precisam tenham do requinte nas viandas para nutrir-se, nem de recreios para alegrar-se.

Excita a sobriedade ao apetite, sem que este careça de intemperantes guisados. “É a temperança, dizia um antigo, a melhor obreira do prazer”. Com a temperança, saúde do corpo e alma sentimos moderado e doce júbilo: nem precisamos espetáculos nem despesas para regozijarmo-nos: um inventado joguinho, uma leitura, um labor empreendido, um passeio, uma inocente conversa, vertem-nos mais pura alegria, que melodiosa orquestra.

Certo é que os prazeres simples são menos vivos e sensíveis, e que os outros movem na alma a mola das paixões; mas os primeiros são de melhor uso, pois brotam durável e igual contentamento será maligno séquito: sempre benéficos são; em vez que os outros semelham os vinhos falsificados, que agradam mais que os naturais, mas alteram e nocivam a saúde.

Estraga-se o temperamento da alma também o gosto com o requinte de vivos e picantes deleites. O que fazer devemos, tocante aos meninos que dirigimos, é habituá-los a esse singelo viver; dar-lhes avisos acerca dos inconvenientes anexos nos outros prazeres e não os abandonarmos a si mesmos, qual comumente se pratica numa idade em que as paixões começam a despontar, e por conseguinte carecem açaço.

Confessar devemos que o maior labor do ensino é darmos lições a meninos insensíveis. Os caracteres vivos e sensíveis cair podem em desvios graves; a presunção e as paixões arrastam-nas; mas também grandes recursos possuem; e algumas vezes tornam de longe. É neles a instrução germe oculto que rebentar pode, caso a experiência

auxilie a razão, e as paixões enfraqueçam: ao menos sabemos como volve-los atentos, despertando-lhes a curiosidade: neles achamos com que interessá-los ao que lhes ensinamos, e pungi-los com o agulhão da honra; mesmo indolentes nosso desvelo baldamos. Distração são os pensamentos deste e nunca jazem onde fazer devem: ter as correções não lhe fazem, nada escutam e nada sentem. Indolência tal volve desleixado o menino e desgostoso do que faz. Então é que a melhor doutrina corre risco de perder-se, se o mal não cortarmos quando tenro.

Pessoas superficiais atribuem esse meu sucesso à natureza, a qual tudo faz para compor homens de mérito; e dizem que a educação é baldia. Com efeito, índoles há semelhantes a solos ingratos, nos quais a cultura escasseia. Muito pior é quando essas educações difícilimas são contrastadas ou descuidadas e mal dirigidas no começo.

Além de que, índoles há de meninos que enganam. Antolham-se bonitos; porque a graça infantil tem um brilho que tudo cobre; tem um não sei que terno e amável que obsta a que de perto examinemos por amiúde as feições. Todas as agudezas nos meninos surpreendem para que não as aguardemos em idade tão tenra: quaisquer faltas de juízo concedidas lhes são; pois a graça tem da ingenuidade. Certa vivacidade corpórea substitui-lhes a do espírito. Daí emana prometer a infância tanto, e dar tão pouco. Tal menino for encaminhado por espirituoso quando tinha cinco anos que depois caiu em desprezo e olvido.

De todas as qualidades que nos meninos lustram, só uma contar podemos e é o bom raciocínio; o qual, se bem cultivados, medra neles. As graças infantis e a viveza apagam-se, mesmo a ternura do coração; por quanto o trato com os homens políticos enrija a alma dos mancebos que no mundo entram. Curai, pois, descobrir através das infantis graças se a índole, que reger deveis, carece de curiosidade e é pouco sensível a uma honesta emulação; aliás trabalho tão ingrato e espinhoso vos descorçoará. Releva, pois, dar pronto movimento às molas da alma do vosso aluno, para tirar-lhe dessa modorra. Pautai-lhe o ensino sem lhes carregar a memória: diverti-o, fazei-lhe notar seus menores progressos, emulando-o.

É o ciúme nos meninos mais violento do que pensamos. Deles há que se mirram ao verem que outros são mais amados e acarinhados. Crueldade é nas mães o fazer-lhes sofrer esse martírio; ele só deve empregar-se contra a indolência. Ponde ante vosso aluno outros que o não superem, aliás desanimar-se-á.

Concedei-lhe de tempo em tempo, vitoriazinhas sobre seus êmulos, e se poderdes, fazei que desafogado ria convosco acerca de sua timidez; insinuai-lhe que assim ela

como a preguiça abafam o espírito e volvem imbecis e aviltadas as pessoas; mas não lhes digais isso austera e impacientemente, porquanto nada marca tanto um menino mole e tímido, como a aspereza. Amigai-lhe o trabalho que não podeis poupar-lhe; e incitem a ele, algumas vezes desprezo e repreensão; mas seja outro menino quem a faça, sem que vós deis mostrar de atentar nisso.

Refere Santo Agostinho que Santa Mônica, sua mãe, quando menina, emendou-se de beber vinho puro mediante, exprobração tocante de uma criada; coisa que sua veemente e severa aia não poderia conseguir. Forcejemos pois lançar gosto no espírito dessa sorte de crianças como se lança ao corpo de certos doentes. É muito mais difícil dar gosto aos que o não tem do que formá-lo nos que ainda o não possuem qual deve ser.

A sensibilidade da amizade é mais importante e difícil a dar. Assim que um menino a sente, volvemos-lhe o coração às pessoas que úteis lhe sejam. A amizade o levará a quase todas as coisas que dele quisermos: certo laço existe que ao bem o atrai, com tanto que o emprego saibamos. Só o excesso ou má escolha nas afeições temer devemos. Porém, meninos há que nascem políticos, dissimulados, indiferentes para secretamente tudo a se referirem: eles enganam seus pais pela ternura fascinados: mostram amá-los, para a estes moldarem-se, e antolham-se mais dóceis que outros meninos da mesma idade, que sem refolho obram segundo seu humor. A flexibilidade sua, que encobre áspero querer, parece vera doçura e sua dissimulada índole não se desdobra toda, senão quando já tempo é de endireitá-la.

Se natural há, no menino, inaccessão à doutrina é sem dúvida esse; e seu número é maior do que julgamos. Nem os pais vergam a crer que o coração de seus filhos seja mal feito. Quando vê-lo não querem, ninguém ousa provar-lo, e o mal assanha-se. O principal remédio fora dar aos meninos ainda tenros larga liberdade de patentear as inclinações suas. Antes de o corrigirmos, revela-nos conhecê-los a fundo. São eles naturalmente singelos e francos; mas por pouco que os apertem ou exemplo lhes dêem de dissimulo, não tornam à singela primária.

É só o Altíssimo quem dá a ternura e a bondade de coração. Porém excitemos o nosso aluno com máximas de honra e desinteresse e o menosprezo das pessoas que demasiadamente a si próprios se amam. Ensaíamos infundir cedo nos meninos o gosto de cordial e recíproca amizade; para o que, adjetivemos-lhe pessoas que não lhes antolhem dureza, falsidade, aviltamento e interesse. Convém outrossim louvemos os meninos acerca do que a amizade os pungem a fazer; contanto que ela nem muito

ardente, nem descolocada seja. Tenham-lhe também seus pais amizade sincera; pois de seus pais é que eles às vezes aprendem a nada amarem. Enfim extirpemos-lhe, para como amigos, supérfluos cumprimentos, falsas mostras de amizade e fingidas carícias, com as quais pagam com vãs aparências as pessoas que amar deveriam.

A falta mais comum nas meninas é apaixonar-se por coisas indiferentíssimas. Se duas pessoas se amavam, ei-las que o partido tomam de uma ou outra. Amam ou odeiam sem fundamento, nem senão descobrem no que estimam, nem boa qualidade no que desprezam. Não nos apanhemos a isso imediatamente, por quanto a contradição fortificaria esses caprichos, mas digamos a uma menina, e isso pouco a pouco, que melhor que ela conheçamos o bem no que ele ama, e o mau no que ele ofende. Apontai-lhe, outrossim, os defeitos que encerra o que a encanta, e as vantajosas qualidades, que no que despreza se encontram. Não a apertei, e ficai certo que ela volverá de seu erro. Após isso recordai-lhe brandamente suas passadas teimas com suas desarrazoadas circunstâncias, e mostrai-lhe, enfim, o misto do bem e do mal que se acha no que amamos ou aborrecemos, para minorar nela a ardência de suas amizades e aversões.

Nunca prometais ao menino enfeites ou gulodices; porquanto os primeiros devem ser por eles desprezados, e as segundas tiram-vos o meio de estabelecer outras recompensas que a vosso labor facilitem. Evitai ameaçá-los com o estudo, ou sujeitá-lo a uma regra; mas, se não poderdes a fazer, introduza sem nomeá-la.

Injustiça seria não louvarmos os meninos quando bem trabalham; façamo-lo de maneira que eles não se entumeçam. São Paulo empregou os louvores amiúde para animar os fracos e modificar o corretivo. Os Padres também os empregaram; mas para que úteis sejam, é necessário os purguemos de exageração e lisonja, e que todo o bem a Deus se atribua. Premiar podemos também os meninos com jogos inocentes, passeios em que o colóquio seja frutuoso, e alguns mimos, a saber, estampar medalhas, mapas e livros.

CAPÍTULO SEXTO

USO DAS HISTÓRIAS PARA OS MENINOS

Gostam muito os meninos de contos ridículos, eles ora choram, ora exultam quando aventuras lhe referem. Aproveitai esse pendor; e contai-lhes alguma bonita e curta fabula,

e explicai-lhes seu moral sentido. Bom será que as meninas ignorem as pagãs, por impuras e absurdas.

Quando recitado houverdes alguma fabula a um menino, esperai que ele vos peça outras; sendo sua curiosidade assim beliscada narrai-lhe algumas histórias escolhidas, mas breves lede as com ele, e enviai de um a outro dia sua continuação, afim que ele anseie ouvir-lhe o fim. Tons vivos os familiares animem a narração vossa, falem vossos personagens; e isso para que os meninos, cuja imaginação é ardentíssima, julguem vê-los e ouvi-los. Contai-lhes, por exemplo, a história de José: falem seus irmãos como brutais, e Jacó como pai terno e aflito: fale também de José: folgue ele, senhor do Egito, de ocultar-se a seus irmãos, de assustá-los, e depois descobrir-se. Esta singela representação soldada ao maravilhoso dessa história agradará muitíssimo a uma criança; contanto que não recenda o estudo.

Ora se é necessário advertir que se o menino tem fácil loquela, ele mesmo contará às suas pessoas mimosas as historietas que lhe mais agradam. Não o interrompais, nem o emendais, porém depois, apontai-lhe brandamente o melhor modo de tecer curta e singelamente uma narrativa, mediante a escolha das circunstâncias que melhor retratam a naturalidade de cedo objeto.

Se alguns alunos tendes, costumai-os a representar os personagens das histórias que sabem. Seja um Abraão, e outro Isaac; estas representações lhe agradarão mais que outros brincos, costumá-las-ão a pensar e dizer com graça coisas sérias, e entalhar-lhe-ão essas histórias na memória.

Convém os inclinemos mais às histórias santas que a outras, apontando-lhes o quanto são impessoais, singulares, maravilhosos, recamadas de nobres vivacidades e naturais pinturas. As da criação, queda de Adão, dilúvio, vocação de Abraão, sacrifício de Isaac, as aventuras de José e fuga de Moisés são excelentes, pois recriam os meninos e lhes descortinam a origem da religião cristã.

Adjetivemos a essas histórias a passagem do Mar Vermelho, a estada do Israelitas no deserto, onde o maná os nutria, e bebiam a água que Moisés, tocando com a vara uma penha, fazia jorrar dela. Representai-lhes a milagrosa conquista da terra do Promissão; o rio Jordão revertendo para sua origem; e as muralhas de uma cidade caindo por si mesmas ante os sitiadores. Pintai-lhes naturalmente as pugnas de Saul e David, e mostrai-lhes este, ainda jovem pastor, derrubando de uma pedrada o monstruoso e soberbo gigante Golias. Nem esqueçais a glória e a sapiência de Salomão, ao promulgar a sentença vezes as mães que reclamaram o mesmo filho.

Não ponhais de parte os Profetas que por dizerem a verdade aos reis, foram tantas vezes perseguidos e martirizados. Descrevei a rotina de Jerusalém, o cativo da Babilônia, e as deliciosas aventuras de Tobias, Judith, Esther e Daniel. Conduzi depois os Judeus a Jerusalém para comporem suas ruínas e traçai gentil quadro de seu remanso e ventura.

Não vos demorei a retratar-lhes o cruel e ímpio Antiocho acabando impenitente: e mostrai-lhes, sob esse perseguidor, as vitórias dos Macabeus e o martírio dos sete irmãos assim chamados. Vinde ao milagroso nascimento de São João; e narrai-lhes a de Jesus Cristo. Escolhei também no Evangelho os pedaços mais salientes de sua vida; sua prédica no templo aos doze anos, seu batismo, sua retirada ao deserto, sua tentação a vocação de seus apóstolos; a multiplicação dos pães; a conversão da Pecadora, que perfumou os pés do Senhor, banha-os com suas lágrimas e enxuga-os com seus cabelos. Representai-lhes mais o Samaritano doutrinado, o cego de nascimento guarecido, Lázaro ressuscitado e Jesus entrando triunfante em Jerusalém, descreve sua paixão e figurai-o surgindo do túmulo, aparecendo a seus discípulos, e depois subindo ao céu.

Nem lhes passais em silêncio a descida do Espírito Santo, a conversão de São Paulo, a vocação do centenário Cornélio. As peregrinações dos Apóstolos, especialmente as de São Paulo, são muito agradáveis. Escolhei dos mártires as histórias mais portentosas, e em grosso, alguma coisa da vida celeste dos primeiros cristãos: entrebaçai-lhe a destimidez das jovens virgens; as admiráveis austeridades dos anacoras; a conversão dos imperadores e do império; a cegueira dos judeus e seu terrível castigo, que ainda dura.

Histórias tais cinzelarão no vivo e tenro cérebro dos alunos uma história da religião desde o começo do mundo até nós; história que lhes infundirá nobre e indeléveis ideias. Ali verão livrar Deus os justos e confundir os ímpios. Mas colher devemos nessas histórias imagens risonhas e magníficas; visto que tudo empregar devemos para que os meninos achem belo, amável e augusta a religião.

A vista de estampas e quadros religiosos contribuirão também a arraigar na alma dos meninos as santas verdades. O colorido e o tamanho das figuras abalar-se-ão mais os sentidos.

CAPÍTULO SÉTIMO

MODO DE FAZER ENTRAR NO ESPÍRITO DOS MENINOS OS ELEMENTOS DA RELIGIÃO

Sem instigar os jovens alunos inclinados devemos a conhecer o Onipotente, e sem duvidarem; por isso, mostrai-lhes um edifício; mas dizei-lhe que as pedras que o compõem foram colocadas. Nem mau será lhes mostrar alvaneos construindo. Apontai-lhes depois o céu, a terra e as principais coisas que Deus ali obrou para humana utilidade!! Vede, meninos, lhes direis, quanto o mundo é lindo e mais bem feito que uma casa. Fez-se ele a si mesmo? Não certamente, foi o Altíssimo que o fabricou.

Representai-lhes coisas que os maravilhem e compujam, isto é, Deus sentado em majestoso solio. Fulgurem-lhe os olhos; dai-lhe ouvidos que tudo escutem; mãos que sustentem o universo; braços sempre erguidos para castigar os maus; coração terno e paternal para odiar os que o amam. Apalpai o menino, afim de conhecerdes como as sublimes verdades lhe podem entrar na cabeça, porém mormente, nada lhe digais de novo sem familiarizar-lhe mediante algum palpável símile.

É necessário que a imaginação auxilie o espírito dos meninos, para traçar-lhes lindas imagens das religiosas verdades; imagens que o corpo ver não pode. Pintai-lhes a celestial glória, qual São João nela representa. “Os olhos não chorarão mais, findou a morte; findarão dores, gritos, gemidos e pretéritos males. Sempre terna alegria lustrará na cabeça dos Bem-aventurados”. Descreve-lhes essa gloriosa Jerusalém, “da qual é Deus o sol para formar dias perpétuos; um rio de paz, uma torrente de delícias, uma fonte de vinho a engrossará. Tudo ali será ouro e diamantes”. Eu bem sei que todas estas imagens nos ligam a coisas sensíveis; mas deslumbrados os meninos com tão magnífico espetáculo estarão alentos, e se deixarão descair em coisas espirituais.

Para melhor dispor os meninos a crer nos milagres, contai-lhes a história da ressurreição de Lázaro; e depois a de Jesus Cristo, e suas familiares aparições a muitas pessoas durante 40 dias. Enfim, adverti-lhes que não é difícil a quem os homens fez de refazê-los. Nem olvides a comparação do grão de trigo que se semeia, apodrece e ressuscita para multiplicar-se.

Ora desnecessário é que esta moral se ensine aos meninos como o catecismo: método tal prestaria à religião afetada loquela e tediosas formulas. Ajudai somente o espírito dos alunos vossos, e encaminhai-os a achar essas verdades no seu próprio

fundo: elas se lhes volverão mais próprias e agradáveis; e se lhes estamparão pois mais vivamente. Aproveitai abertas para lhes fazer desenlaçar o que só emaranhado vêm.

Nunca vos permitais de gracejar ante os meninos acerca de certas coisas à religião concernentes. Falai-lhes sempre de Deus com o devido acatamento. Nem jamais vos desmandeis em matéria decorosa. Muitas vezes as pessoas que delicadas se mostram acerca dos mundanos, são grosseiríssimas nas da religião.

Quando o menino houver feito as competentes reflexões para si mesmo conhecer-se, e conhecer a Deus, agregai-lhe os fatos históricos que já por ele sabidos e este muito lhe deparará toda a religião em seu cérebro reunida: ele gostoso notará a religião existente entre suas considerações e histórias do gênero humano. Reconhecerá então que o homem não se faz a si mesmo; que sua alma é de Deus a imagem, e que seu corpo, por indústria e divino poder, foi formado com tão admiráveis molas, lembrar-se-á logo da história da criação. Depois refletirá que nasceu com inclinação aversas à razão; que enganado é pelo gosto, impelido pelo cólera, e que seu corpo roja sua alma versos a razão qual fogoso ginete supera o cavaleiro, em vez de sua alma reger o corpo: ele notará a causa dessa desordem na história do pecado de Adão, história que aguardar lhe fará ao Salvador, o qual reconciliar deve o homem com Deus. Eis todo o fundo da religião.

Porque os alunos melhor entendam os mistérios, ações e máximas de Jesus Cristo, convém leiam o Evangelho. Não descuideis ler muitas vezes com os meninos laudas onde Jesus Cristo promete estar e animar a Igreja, a fim que ela seus filhos conduza pela via da verdade.

Inspirai mormente às meninas a sombria e temperada sapiência recomendada por São Paulo; temam o laço da novidade tão natural a seu sexo: antecipai-lhes saudável horror acerca de qualquer singularidade em matéria religiosa propondo-lhes esse celestial apuro, essa maravilhosa disciplina, que entre os primeiros cristãos reinava; afeiai-lhes nossos extravios e fazei-as suspirar após essa evangélica pureza; mas dai de mão, com desvelo sumo, a qualquer ideia de presunçosa crítica e reformas indiscretas.

Acostumei as meninas crédulas a não admitirem levemente certas histórias sem autoridade, e a não se inclinarem a certas devoções introduzidas por indiscretos zelos, sem esperar que a Igreja as aprove.

Imperai também desejo aos meninos de saberem as cerimônias e palavras que compõem o divino ofício e a administração do sacramento. Fazei que eles gostem não de sermões floreados, sim de discursos sensatos e exemplares. Fazei-lhes, outrossim, amar e respeitar seu pároco e a igreja e as comunidades que a ele se referem. Nem tolerais

nunca que os meninos mofem do hábito e estado religioso; explicai-lhes a utilidade da clausura; e avisai-os a, sem susto, ouvirem falar da morte, e a olharem sem emoção uma tumba, os agonizantes e os defuntos.

É deplorável que pessoas atiladas e pias estremeçam ao pensar na morte. Outras enfiam quando se acham treze a mesa ou tiverem certos sonhos e derrubaram um saleiro. Esses negros presságios são grosseiro resto de paganismo. As mulheres, mormente, intimidam-se com facilidade, mas quem é Cristão, seja qual for seu sexo, não deve ser covarde. A alma do cristianismo, se assim falar podemos, é desprezar esta vida e amar a eterna.

CAPÍTULO OITAVO

INSTRUÇÕES ACERCA DO DECÁLOGO, SACRAMENTOS E ORAÇÃO

Falai quase sempre aos meninos acerca de vida e ações de Jesus Cristo, propondo-lhe em tudo por modelo; falai-lhes também do juízo universal, da bem-aventurança e das penas eternas do inferno. Explicai-lhes a fundo o Decálogo, mostrando-lhes ser um resumo da divina lei; e que se acha no Evangelho o que só por afastadas conseqüências encerra o Decálogo. Dizei-lhes o que é conselho, e obstai-lhes a que se lisonjeiem, qual a comum dos homens, de uma distinção que muito se estira entre os conselhos e os preceitos. Mostrai-lhes que os primeiros são dados para facilitar os segundos, a sustar os homens vezes sua própria fragilidade, e afastar-los da orla de precipício ao qual arrojados seriam por seu próprio peso; enfim, que os conselhos se volvem absolutos preceitos a quem não pode, em certas ocasiões, observar preceitos sem conselhos.

Daí, passai aos Sacramentos, e dizei aos alunos vossos que o primeiro passo, que mediante o Batismo damos para o Cristianismo, renuncia é a mundana pompa; recordamos o mundo, não obstante promessas a Deus feitas, é uma espécie de apostasia.

Acrescentai também quanto calcar devemos mal fundados desprezos, ímpios gracejos e até do mundo as violências; pois soldados somos de Jesus Cristo para combater esse inimigo. O bispo fez em voz uma sagrada unção para imitar os Antigos; os quais esfregavam com azeite os membros a fim de os tornarem flexíveis e vigorosos

antes de encetarem a pugna. Enfim, ele faz sobre vós o sinal da cruz, para mostrai-vos que crucificado deveis ser como o Salvador.

Representai fortemente aos vossos tenros ouvintes a ventura de sermos incorporados pela Eucaristia a Jesus Cristo; no Batismo constitui-nos seus irmãos e na Eucaristia seus membros. Como ele, pela Encarnação, se tinha dado a natura humanidade em geral, ele se dá pela Eucaristia, conseqüência tão natural da Encarnação a cada fiel em particular. Tudo é real na série de seus mistérios. Dá Jesus Cristo sua carne tão realmente como a tomou: mas é volvermo-nos culpados do corpo e do sangue do Senhor, é bebermos e comermos seu juízo ou comermos a carne vivificante de Jesus Cristo, sem viver do seu espírito. “Quem me come, diz ele, viver deve para mim”.

Fazei ler aos meninos que educai as orações dos agonizantes os quais são admiráveis; mostrai-lhe o que a Igreja faz e diz, dando aos moribundos a Extrema Unção. Oh! que consolo para eles a receberem ainda um renovo da unção sagrada para essa derradeira luta!

Admirai as riquezas da graça de Jesus, pois não desdenhou aplicar o remédio à fonte do mal, santificando a origem do nosso nascimento, que é o matrimônio. Oh! quão conveniente era o fazer-se um sacramento desta união do homem à mulher! União que representa a de Deus com sua criatura e a de Jesus Cristo com sua Igreja! Quanto urgente era essa benção para moderar as brutais paixões humanas; para derramar paz e conforto em todas as famílias, e transmitir religião, qual uma herança de geração em geração!

Louvai a infinita sabedoria do Filho de Deus, o qual instituiu pastores para em seu nome, instruir-nos, dar-nos seu corpo, reconciliar-nos com ele, após nossas quedas para todos os dias formar novos fiéis, e mesmo novos pastores que nos levem após si; a fim que sem interrupção a Igreja se conserve de século em século. Mostrai-lhes que exultar devemos que Deus desse poder tal aos homens. Acrescentai com qual religioso sentimento respeitar devemos os ungidos do Senhor.

Tratemos agora da oração. Jesus Cristo deu-nos um formula oral. Oh! Quanto consolo a sabermos, por ele mesmo, como seu divino Pai quer ser rogado! Oh! Quanta força haver devemos por na boca! E como não nos outorgaria ele o que nos ensinou a requerer-lhe! Após isso, mostrai quão breve, chã e cheia de tudo quanto esperar do céu podermos é essa oração.

Quanto à Confissão, releva que se o menino cometeu alguma falta se arrependa dela, e se console declarando-a ao confessor: esta primeira confissão imprimirá compungimento em sua alma, e manancial será de graças para outras.

Assento, porém, que a primeira comunhão deve ser feita quando o menino, chegado à idade razoável, se mostrará mais dócil e isento de defeito graúdo. É entre essas primícias de fé e amor a Deus, que ele melhor sentirá e saboreará Jesus Cristo pelas graças da comunhão.

CAPÍTULO NONO

OBSERVAÇÃO DE ALGUNS DEFEITOS NAS MENINAS

Temos ainda a falar relativamente ao cuidado que tomar devemos para subtrair as raparigas a algumas falhas comuns a seu sexo. Nutrem-nas em um desmazelo e timidez, que incapazes as salve de firme regular procedimento. De começo há muita afeição e depois muito habito nesses mal-fundados receios e nessas lagrimas de encomenda. Pode servir-lhes de corretivo o desprezo; visto ter a vaidade tanta parte nelas.

Reprimir devemos também nas meninas, amizades demasiadamente ternas, ciomensinhos excessivos cumprimentos, lisonjas, solitudes; pois tudo isso as estraga, fazendo-lhes achar seco e austero o que grave é e serio. Releva também que elas se avezem a falar concisamente. Convite o bom espírito em cercearmos que o discurso inútil e dizer muito em poucas vezes; mas a maior parte das mulheres dizem pouco em muitas palavras.

E ora o que também contribui as suas estiradas falas é a terem nascido artificiosas; e por isso empregam longas ambages para desferirem no seu feito. Tem elas flexível natural para facilmente representarem toda a sorte de comedias; fácil lhes é claro; vivas são as suas paixões e acanhados seus conhecimentos; daí mesmo a não descuidarem elas cousa alguma para conseguirem o que desejam.

Quando as raparigas foram assim desventuradas para o vezo tomarem de encobrir seus sentimentos a meio de desabusá-las é solidamente instruí-las nas máximas da vero prudência; e o de as dissaborir das frívolas ficções românticas é infundir-lhes gosto para historias úteis e agradáveis. Se lhes não derdes razoável curiosidade, a sua será desregrada; e se o espírito seu não formardes a verdadeira prudência, ligar-se-ão à falsa, que é a astúcia.

Mostrai-lhes, com exemplos, como sem engano, podermos ser discretas, acuteladas e aptas aos meios de conseguir. Dizei-lhes: convite a principal prudência em falarmos pouco, em desconfiarmos mais de nos do que dos outros, mas não em tecer discursos embrulhadores. A retidão de proceder e a universal credito de probidade atraem mais confiança e estimo, e, por conseguinte, com a andar do tempo, mais vantagens, mesmo temporais, que as vias obliquas.

Há por ventura coisa mais doce e cômoda que a sinceridade? A pessoa dissimulada faz sempre em agitação, em remorsos, em perigo, e na deplorável urgência de encobrir um artifício com outros.

Apontai aos meninos a impertinência de certas astúcias, que praticar vêem; o desprezo que elas granjeiam aos que as fazem; e enfim envergonhai-as mesmo quando as assaltardes em algum dissimulo. De tempo em tempo, privai-as do que gostam, e isso porque obtê-lo quiseram por engano, declarando-lhes que a terão quando abertamente a pedirem.

Dizei ao menino que Deus lhe é a própria verdade; e que zombar dele é o mesmo que zombar do Onipotente, que articular devemos concisa e exatamente as palavras; a fim de acatar a verdade.

Não imiteis, pois, essas pessoas que louvam aos meninos quando eles disserem algum malicioso chiste. Longo de achardes isso bonito, repreendei-os severo e desarmai-lhes todas os seus artifícios a fim de que a experiência os desgoste deles.

CAPÍTULO DÉCIMO

VAIDADE DA BELEZA E ATAVIOS

Nada receies tanto nas raparigas como a vaidade. Elas atentam violento desejo de agradar. Como entupidas acham as vias que ao poder e gloria conduzem, forcejam desferrar-se mediante as graças do corpo e espírito; daí sua doce e insinuante conversa; daí a aspirarem tanto à formosura e exteriores atrativos, e a apaixonarem-se por adornos; um toucado, uma fita, um anel de cabelo mais alto ou mais baixo, a escolha de uma cor, são-lhes importantíssimos negócios.

Aplicai-vos, pois, a insinuar às raparigas quanto a honra que do bom ensino brota e da vera capacidade, mais estimável é que a que os cabelos ou vestidos se tira. As pessoas que toda sua gloria fundam na lindeza, volvem-se brevemente ridículas. Elas

resvalam imperceptivelmente a certa idade, na qual sua beleza enfenece; e elas ainda estão encantadas de si próprias, quando já o mundo nauseia.

Da formosura passemos aos atavios. Não dependem as verdadeiras graças de vão afetado adorno. O asseio no fato é urgentíssimo, mas não deve degenerar em requinte.

A variedade nas modas passa a extravagância. Ora mudar por mudar, não é buscarmos antes a inconstância e a irregularidade que a vera polidez e bom gosto? Por isso o capricho é comum nas modas. As mulheres não escolhem nem deixam nada regradamente. Basta que uma coisa bem inventada fosse longo tempo de modo para que mais o não seja; e outra, bem que ridícula, a título de novidade, tome seu lugar e admirada seja.

Não consintais nada no exterior das raparigas que lhes exceda a qualidade, reprimir lhes severo as fantasias, mostrai-lhes o que o perigo nos expomos enquanto volvemos desprezíveis acerca das pessoas cordatas, olvidando o que somos.

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

INSTRUÇÃO DAS MULHERES ACERCA DE SEUS DEVERES

Ocupemo-nos agora das coisas em que uma mulher deve ser amestrada. Que ocupação são as suas? Ela é encarregada do ensino de seus filhos até certa idade e das suas meninas até que se casem, ou entrem religiosas; da conduta dos criados, de seu serviço, do detalhe da despesa, de tudo fazer economia e honrosamente; de cuidar nas herdades e receber seus rendimentos.

Deve a ciência das mulheres e também dos homens cifrar-se em instruir-se relativamente às funções suas: na diferenciação de seus empregos constituir deve a de seus estudos. Limitar devemos pois a instrução das mulheres às coisas que acabamos de dizer.

Oh! quanto discernimento é necessário para as mães conhecerem o natural e o gênio de cada um de seus filhos! Para achar o nodo mais apto a descobrir-se a índole, a inclinação, o talento, a atalhar-lhes nascentes paixões, persuadir-lhes boas máximas e guarecer-lhes os erros. Quanta prudência ter devem para adquirir e conservar sobre eles a autoridade sem perder a amizade e a confiança! Mas não devem elas conhecer cabalmente as pessoas que lhes põe à ilharga? Sem duvida. Releva pois a uma mãe de

família que saiba bem sua religião, e tenha para o caseiro governo um espírito maduro, firme, aplicado e ciente.

Eu não explico aqui tudo quanto às mulheres saber devem no tocante a educação de seus filhos; o que acabo de dizer basta para lhes dar a entender a extensão dos conhecimentos que urgente lhes sirvam.

Acostumai vossos alunos a nada tolerarem de sórdido nem desarranjo. Fazei-lhes observar que nada contribui tanto à economia e ao asseio como o conservarmos cada coisa em seu lugar. Precisaís de alguma coisa, não perdeís um instante em achá-lo; mas assim que a tiverdes empregado, repondo-a no mesmo sitio. Esta bela ordem agrada aos olhos e constitui o verdadeiro asseio.

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

CONTINUAÇÃO DAS OBRIGAÇÕES DAS MULHERES

Para sermos bem servidos, convém escolhermos domésticos honrados e com religião; conhecer bem as funções a que entregá-los devemos, o tempo e o trabalho que cada coisa requer para ser bem feito e a despesa necessária.

Também importa muito conhecer-lhes a índole; poupá-los e policiar cristamente essa pequena, mas comumente e tumultuosa república, a autoridade então é necessária; mas como os criados são nossos irmãos em Jesus Cristo, e que respeitá-los devemos como seus membros, obrigados somos a usar autoridade quando a persuasão falha.

Buscai, pois, que vossos domésticos vos amem sem rasteira familiaridade: não os converseis; mas não temais falhar-lhes a miúdo com afeto e sem altivez acerca de suas precisões. Nem lhes exprobeis agramente as faltas.

Para este domestico governo é excelente acostumar a mãe seus filhos muito cedo. Dê-lhes alguma coisa a regular sob condição de render-lhes conta dela: esta confiança lhes agradecerá muitíssimo, visto que a mocidade sente sumo prazer quando confiança lhes prestam, fazendo-a entrar em algum sério negocio.

Ensinai uma menina a ler e a escrever corretamente. Vergonhosíssimo é o ver mulheres que tem espírito e cortesia não saberem articular bem o que lêem. Também cometem infinitos erros ortográficos, ligam mal as letras e entortam as regras. Necessário é, outrossim, que uma menina aprenda a gramática da sua língua; e isso para evitar que

confunda os tempos; para que empregue termos próprios e exprima nitidamente suas idéias.

Revela não ignorarem as quatro regras aritméticas; por quanto é que a exatidão nas contas estabelece comumente a boa ordem nas casas.

Nem seria mau que elas alguma coisa soubessem acerca das principais regras da justiça, verbigracia a diferença que versa entre um testamento e uma doação; o que é um contrato, uma substituição, uma partilha de co-herdeiros; as principais regras de direito, ou dos costumes do país, em que nos achamos, para validar esses atos; o que é próprio ou comum; o que são bens móveis e imóveis. Se elas casam, os seus principais negócios versam nesse ponto.

As histórias grega e romana podem proveitosíssimas ser às meninas: elas ali verão prodígios de valor e desinteresse. Não ignorem também a historia pátria nem a dos outros povos. Esta literatura lhes eleva a alma a grandes sentimentos, com tanto que evitem a vaidade e afetação.

O latim, algumas línguas vivas, e certas obras de eloquência e poesia seriam utilíssimas e bem assim e bem assim a música e a cultura.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

AS AIAS

Para exercer o emprego de aia, buscai alguma rapariga que apta seja; e conservai-a algum tempo junto a vós para experimentá-la antes de confiardes tão preciosa coisa.

Na maior parte das casas só se vê confusão, mudança e um acervo de criadas que semeiam cizânia. Que terrível escola para crianças! Às vezes uma mãe que a vida passa no jogo e no teatro, queixa-se gravemente de não poder achar aia capaz de lhe educar as filhas. Mas que pode a melhor educação nestas à vista de tal mãe!

Também há pais, como diz Santo Agostinho, que levam seus filhos a ópera e a outros divertimentos, as quais só dissabor lhe causam para a vida séria e ativa, no qual os mesmo pais querem empenhá-los: assim, eles misturarão o veneno com o alimento saudável. Não falam senão de sisudez; mas avezam a volúvel imaginação de seus filhos aos violentos abalos de apaixonadas e musicais representações; após o que estes desgostam-se da aplicação e acham insípidos os prazeres inocentes. E querem os pais que educação tal aproveite!

CONSELHOS DE UMA SENHORA ACERCA DA EDUCAÇÃO DE SUA FILHA

A melhor educação que uma mãe pode dar a sua filha é tomar mestras que ante seus olhos a ensinem. E ora como as ocupações de V. Ex. não lhe consentem ter sempre essa menina à vista, é urgentemente que ela se separe de V. Ex. o menos possível. A conversa das criadas pode ser-lhe prejudicial.

Deve uma pessoa cordata, e por V. Ex. escolhida, moderar tanto as serventes, quanto a filha de V. Ex. e dar a V. Ex. uma conta exata do que vir ou ouvir. Uma mulher deste calibre não é fácil de achar-se; mas um bom salário alhanar pode esse óbice.

Acostume V. Ex. a senhora sua filha a uma judiciosa simplicidade, basta que ela saiba bem a religião para crê-la, e segui-la exatamente na prática, sem jamais arrogar-se o tom de discorrer acerca de seus augustos mistérios.

Aprenda ela a desconfiar de si mesma, a temer os laços de curiosidade e presunção, a rogar humildemente a Deus, a obedecer, a deixar-se emendar por pessoas cordatas e afetas, e a calar-se quando alguém fala.

Ocupe-a V. Ex. a bordar, desenhar, cozer, etc...

Quanto ao vestuário, eu muito desejo que V. Ex. inspire à senhora sua filha gosto ao que lhe é moderado e não magnífico. Dê-lhe V. Ex. a entender que é o luxo quem confunde todas as condições; que ele alça pessoas de rasteiro nascimento e enriquecidas à presa por meios odiosos acima de pessoas de prosa pia distintíssima; que desordem tal corrompe os costumes de uma nação, excita a cobiça, aveza a intrigas e baixezas, solapa pouco a pouco os alicerces da probidade, e arruína casas.

Seja também a filha de V. Ex. compassiva acerca dos infelizes necessitados.

Habitue V. Ex. a sua menina a orar a Deus cotidianamente; busque-lhe companhias, que não a estraguem, e recreios, a certas horas, que não a dissaboreie das séries ocupações diárias. Se V. Ex. inserir no coração da senhora sua filha estas breves advertências, ela fará progressos rápidos. Eu desejo, etc...

FIM

TABOA DOS CAPÍTULOS

Capítulo primeiro: Da importância da educação das meninas	p. 5
Capítulo segundo: Inconvenientes das educações ordinárias	p. 15
Capítulo terceiro: Quais são as bases primeiras do ensino	p. 24
Capítulo quarto: Imitação a temer.....	p. 44
Capítulo quinto: Instruções indiretas. Não devemos constranger os meninos	p. 48
Capítulo sexto: Uso das histórias para os meninos	p. 104
Capítulo sétimo: Modo de fazer entrar no espírito dos meninos os elementos da religião.....	p. 115
Capítulo oitavo: Instruções acerca do decálogo, sacramentos e oração.....	p. 127
Capítulo nono: Observação acerca de alguns defeitos nas meninas	p. 137
Capítulo décimo: Vaidade da beleza e atavios	p. 144
Capítulo décimo-primeiro: Instrução das meninas acerca de seus deveres	p. 148
Capítulo décimo-segundo: Continuação das obrigações das mulheres	p. 152
Capítulo décimo-terceiro: Das aias.....	p. 157
Conselhos de uma senhora acerca da educação de sua filha..	p. 160

CATÁLOGO DE LIVROS PORTUGUESES

- Compêndio de História Romana.
- Compêndio de História Antiga e particularmente de História Grega, seguido de um compêndio de Mitologia.
- Compêndio de História Geral.
- Gramática francesa, para G. Hamonière.
- Aventuras de Robinson Crusóé.
- História do Antigo Testamento.
- História do Novo Testamento.
- Biografias clássicas.
- Historietas e cantosinhos.
- O Mentor dos Meninos.
- O Pirilampo e a Capela da Floresta, historinhas exemplares para meninos.
- Contos a meus meninos para recreá-los, formar-lhes um bom coração e corrigi-los dos defeitos de sua idade.
- O armazém dos meninos.
- Os acidentes da infância.
- O pássaro azul e o anão amarelo.
- Modelos para os meninos.
- Joaquina Rosa ou a menina curiosa.
- Aventuras de Telêmaco.
- Henriquinho ou o menino roubado.
- Recreios de Eugênia.
- Lições de Fénelon.
- Modelos para meninas.
- Novo alfabeto português, com os primeiros elementos da doutrina cristã.
- A moral da infância ou princípios da moral posto ao alcance dos meninos.
- Enciclopédia da infância ou os primeiros conhecimentos para uso das meninas.